

A FUNCEB vista por Roberto Duailibi



Vinte anos passam voando. No dia 20 de agosto do ano 1999, no Quartel General do Exército em Brasília, uma palestra muito aguardada havia justo terminado. A palestra foi realizada por um homem da agência de publicidade, a DPZ, Duailibi, Petit e Zaragoza, que ganhara vários prêmios internacionais e era respeitadíssima por seus companheiros de profissão pela qualidade de seus trabalhos. Entre seus clientes incluíam-se o Banco Itaú, a Johnson & Johnson, a Sadia, e inúmeros outros, mas nenhum da área governamental, que eu recusava por não aceitar certas condições que prevaleciam na ocasião. E isso tornava a agência ainda mais respeitada.

Duailibi era muito solicitado para falar em empresas, universidades, congressos e já havia feito palestras no Centro de Estudos de Pessoal, do Leme, na AMAN, no Comando Militar do Sudeste e em outros comandos militares. Palestrante que se preparava com muito carinho, suas apresentações, coletando informações sobre a audiência, o interesse dos participantes e, na época em que não havia YouTube e utilizavam outros recursos, importando filmes de vários países do mundo, através de suas conexões internacionais. No caso das palestras para o Exército, Duailibi importava filmes das Forças Armadas de outros países, que estavam adiantados em sua comunicação com a sociedade civil. As palestras eram bem humoradas e, ao fim de cada uma, os participantes se sentiam recompensados pelas novidades que o publicitário trazia.

“Eu sabia que os militares sentiam uma necessidade imensa de voltar a se comunicar com a sociedade civil”, afirma Duailibi, “depois da experiência dos últimos anos do regime militar”.

Como foi o primeiro contato com a FUNCEB?

Após a palestra fui levado à sala do Gen Gleuber, quando o Gen Synésio expôs a ideia da criação de uma Fundação para recuperar e restaurar os fortes e fortalezas, os caminhos da formação do Brasil, o acervo histórico e artístico da Força Terrestre. Era uma ideia generosa, e que só poderia ser executada por uma instituição civil, já que se alguma doação fosse feita diretamente ao Exército, o dinheiro teria de passar pelo Tesouro Nacional e nesse trâmite muitas vezes acabava sendo usado para outros projetos. Fui então convidado a participar da Fundação, o que para mim era um sacrifício, pois já participava de várias entidades em caráter pro bono. A principal tarefa, na ocasião, além da administração da agência, era levantar fundos para a construção do novo Hospital Sírio-Libanês, a contribuição com a Fundação Mata Atlântica e a consolidação da ESPM, Escola Superior de Propaganda e Marketing, além de outras atividades. Mas quem pode resistir ao apelo do Gen Synésio? Voltei a São Paulo e, curiosamente, já a bordo comecei a visualizar de que forma poderia colaborar. Depois de alguns dias respondi ao Gen Synésio que aceitava a tarefa.

O que a FUNCEB é diferente das outras entidades?

Desde o começo entendi assim: a FUNCEB é uma empresa prestadora de serviços na área cultural, para satisfazer a necessidade de pessoas interessadas na História do Brasil e dispostas a contribuir para a preservação de nossa memória.

Quem são seus clientes? Não é o Exército, nem é o Estado. É todo o povo brasileiro, que através da cultura e do conhecimento do passado, pode vir a amar ainda mais a sua pátria.

Concomitantemente, a ação da FUNCEB aproximaria o Exército da sociedade civil e poderia ajudar na autoestima dos membros das Forças Armadas.

Que outros serviços a empresa presta?

O que eu aprendi com a atividade de levantamento de fundos, é que os doadores ficam agradecidos quando você traz uma proposta que é, ao mesmo tempo, uma missão. As pessoas estão em busca de um propósito para suas vidas. Criar projetos e oferecer a participação é um grande serviço.

Dando uma cara civil à Fundação, minha primeira contribuição foi eliminar a preposição “do” no nome original: Fundação Cultural do Exército Brasileiro. Não. A entidade deveria se chamar Fundação Cultural Exército Brasileiro e deixar claro que era uma sociedade civil. Era preciso eliminar também os aspectos gráficos típicos da Força: escudos, armas, tipografia gótica e slogans que são comandos. Ela deveria ter um bom logotipo, contemporâneo, uma “cara” de empresa urbana moderna. Isso tudo acompanhado de papel de carta, envelopes, cartões de visita. Na verdade, foi o que se chama profissionalmente de “branding” - uma personalidade visual própria e memorável. Para esse fim solicitei a colaboração de meus colegas artistas, de São Paulo e do Rio, que se engajaram na tarefa com entusiasmo. Fomos uma das primeiras instituições a criar um site próprio, apresentando-se digitalmente de maneira profissional.

Como começou seu relacionamento com o Exército?

Na verdade começou nas memórias da infância. Eu nasci em Campo Grande, Mato Grosso, então sede da 9ª Região Militar, em ple-

na década de 40, quando havia ainda aquele clima de II Guerra Mundial e o ódio cultivado pelo getulismo a São Paulo.

A presença do Exército era importante. Os desfiles das tropas em 7 de Setembro e no Dia do Soldado eram uma glória para a pequena cidade, com a banda marchando, os veículos motorizados, os cavalos da Remonta, as motocicletas Harley-Davidson com side-car, que passavam roncando e levantando poeira pela rua principal da cidade, que nem asfaltada era. Além do mais, meu irmão Victor, que era 10 anos mais velho do que eu, fazia o curso do CPOR e, como minha mãe era uma hábil costureira, ele era certamente o aluno com a farda mais elegante de todo o Exército Brasileiro. Há até um episódio que ficou na memória da família. Certa ocasião, Victor juntou os três irmãos mais novos (eu tinha 8 anos) para contar um segredo, que não poderia ser revelado, sob hipótese alguma, para nossa mãe: "Se a guerra durar mais três meses, eu serei chamado para lutar na Itália". Era uma perspectiva horrorosa. Dias depois, numa dessas brigas entre irmãos, tivemos uma desavença e Victor me deu um forte cascudo. Chorando, resolvi me vingar dele e contar para minha mãe o segredo que Victor pedira que não poderia ser revelado. Entrei chorando na loja, onde minha mãe atendia uma cliente muito rica. "Por que você está chorando?" Entre lágrimas e coçando a cabeça de dor, me vinguei: "O Victor me contou que se a guerra durar mais, ele vai para a Itália". As duas mulheres interpretaram a revelação como uma prova de amor ao irmão mais velho. "Mas que menino amoroso! Ele está preocupado com o irmão!" E me abraçaram, querendo me consolar. Senti-me um completo idiota.

Os primeiros tempos

Depois da reunião na sala do Gen Gleuber, criou-se a ansiedade para executar a primeira missão — a restauração do Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial. Era preciso preparar uma boa apresentação,



General Synésio, General Ademar e Roberto Duailibi, em cerimônia no Rio de Janeiro

mostrando a urgência da obra, já que a água do mar estava invadindo os túmulos. E procurar os patrocinadores. Fizemos uma lista de empresários conhecidos e marcamos reuniões. Tivemos sorte já numa das primeiras reuniões, com o Dr. Olavo Setúbal, presidente do Banco Itaú, que providenciou uma doação generosa. Filho do historiador Paulo Setúbal, o Dr. Olavo costumava dizer que o Brasil era o resultado do esforço de três instituições: o Estado, a Igreja e o Exército.

Outras contribuições?

Tivemos também o apoio da Petrobrás, através de seu presidente Carlos Gross, e do BNDES — e aqui cabe uma menção especial a um dos presidentes do Banco, o intelectual Carlos Lessa, pessoa sensível que olhava com carinho nossos projetos. Foi com a presença pessoal de Lessa e das pessoas que ele costumava atrair, que a FUNCEB fez a restauração da Fortaleza de Santa Cruz, um trabalho magnífico, fez a restauração da Igreja do Bom Jesus da Coluna, nos terrenos do Exército no Fundão e, ao mesmo tempo, pôde formar soldados do Forte de Copacabana como restauradores das imagens

sacras. Ele também nos ajudou no plano infelizmente não realizado de restaurar o sítio de Guararapes.

Nesse processo todo, o Gen Synésio sempre foi o líder inconteste da instituição, participando de todas as reuniões, coordenando os trabalhos, convencendo os amigos a participar dos Conselhos, conseguindo patrocínios para a revista DaCultura e para a Rádio Verde-Oliva.

Qual o futuro da FUNCEB?

Da mesma forma que a FUNCEB começou com um projeto de impacto, ela deve viver de projetos grandiosos. Neste sentido, para a sobrevivência da entidade, a criatividade é fundamental.

A realidade é que hoje a grande tarefa é a da sobrevivência física – manter a sociedade superavitária, mesmo com os poucos recursos que estão entrando. A equipe comandada pelo Gen Genial tem conduzido bem essa missão.

Há muita coisa a fazer, pois à medida que o tempo passa, mais objetos de memória precisam da intervenção da FUNCEB para preservá-los. É um trabalho que nunca acaba.

Na área da educação também há muito a fazer, e a publicação da coleção “Muralhas de Pedra, Canhões de Bronze, Homens de Ferro” é um trabalho de gigantes.

Com a presença do Gen Mourão na área da Amazônia, vejo também imensas oportunidades nessa imensa região. Mourão sempre foi um bom amigo da FUNCEB.

Aliás, tenho muito orgulho de ter em casa o bastão de comando que pertenceu ao Gen Rodrigo Otávio.

Outra área em que podemos entrar é a da saúde. Saúde é inseparável da cultura.

Foi importante o Waldir Siqueira aceitar a presidência da FUNCEB: ele conhece a instituição desde o seu primeiro momento. E já atraiu gente boa. Vejo como promissora a presença, entre outros, do Eduardo Simon, um dos grandes executivos jovens do país.

Mas é urgente divulgarmos mais a nossa causa, para atrair novos talentos que, no longo prazo, possam assumir a tarefa que essa geração atribuiu a si mesma. Nisso tem uma função importante a Rádio Verde-Oliva, a revista DaCultura (cada dia melhor) e as redes sociais. E na hora que nós pudermos contratar um jornalista que tenha ótimas relações nas redações dos jornais, das revistas e das emissoras de rádio e televisão, e que produza conteúdo, aí seria o ideal.

“Ganhei mais do que dei”

Ganhei muito aceitando trabalhar voluntariamente para a FUNCEB. Conheci algumas das pessoas mais inteligentes, mais desprendidas, mais patrióticas, gente como o Gen Synésio, o Gen Gleuber, a figura exponencial do Gen Roberto Albuquerque, o Gen Enzo Peri, o Gen Rêgo Barros, a dedicação do Gen Genial e sua equipe, como o Cel Paulo e os responsáveis pela revista, o Gen Fayad e o Cel Trindade, que administraram tão bem a Banda Sinfônica do Exército e tantos outros com os quais convivi em São Paulo, no Rio, na Bahia, na Amazônia, no Rio Grande do Sul, em Mato Grosso do Sul.

Os civis que também deram seu tempo e seu talento para a FUNCEB, como o Aluizio Rebello de Araujo, uma pessoa totalmente dedicada ao próximo e cuja obra magistral é o ITACI, Instituto de Tratamento do Câncer Infantil, um hospital de Primeiro Mundo. Sem esquecer o amigo Flávio Corrêa, sempre ativo, a sabedoria do Dr. Sabo, do Waldir Siqueira, da Beatriz Pimenta Camargo.

Conheci dezenas de fortes, fortalezas e quartéis e pude admirar o que o Exército tem feito pela pátria.

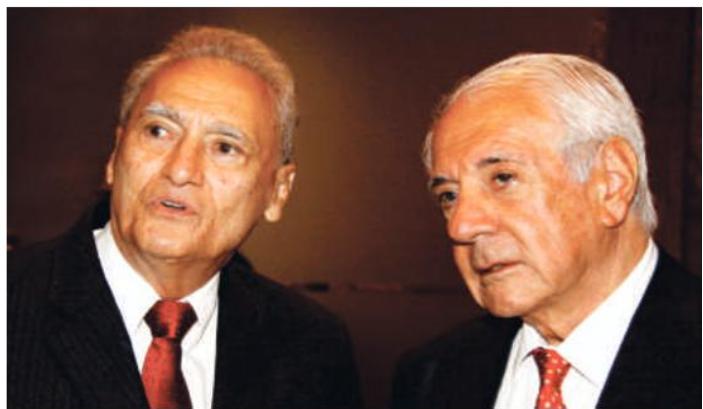
Nunca tive uma reunião em que não houvesse uma surpresa agradável.

Olhando retrospectivamente, e já no fim da vida, posso dizer que trabalhar com essas pessoas tornou minha vida muito melhor, e a da minha família, que sempre participou dos trabalhos, das angústias e das vitórias.

Um aspecto enriquecedor, aliás, foi conhecer as esposas de todos esses oficiais, mulheres que enfrentaram condições de vida excepcionais e criaram seus filhos com amor e carinho. Não esqueço dona Antonina e a esposa do Gen Adhemar da Costa, que em 40 anos de serviço do marido, mudou de casa 25 vezes.

Sou muito grato ao Gen Ludwig, que foi o primeiro a me chamar na crise do petróleo, ao Gen Esper, ao Gen Alberto Cardoso, ao Gen Expedito, que está levando adiante um grande projeto. E à velha guarda, Generais Álvaro Augusto Alves Pinto, Castro, Jorge Felix, Joubert, Morgado, ao Cel Petito.

Devo ter omitido algum nome, mas cada um deles acabou fincado em meu coração indelevelmente.



General Roberto Albuquerque e Roberto Duailibi.
O General Albuquerque, ex-Comandante do Exército, sempre foi um grande amigo da FUNCEB

Curriculum

ROBERTO DUAilibi - Próximo aos 85 anos de idade, Roberto Duailibi continua ativamente envolvido em causas nas quais acredita. Membro da Academia Paulista de Letras onde se reúne toda quinta-feira com alguns dos intelectuais mais importantes de São Paulo, colabora ainda como Conselheiro Emérito da ESPM, Escola Superior de Propaganda e Marketing, onde, ainda muito jovem, administrou aulas de Redação Criativa e definiu a filosofia pedagógica dessa que é a maior escola de comunicação do continente. Em 1968 fundou, juntamente com José Zaragoza e Francesc Petit, a agência DPZ, que durante 50 anos revolucionou a propaganda brasileira, tendo criado algumas das campanhas mais memoráveis para importantes clientes. Duailibi é ainda da diretoria da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, onde colabora para o levantamento de fundos que permitem adquirir remédios, equipamentos, talentos médicos e pesquisas médicas, assim como da Fundação Criança, que administra o notável ITACI, Instituto de Tratamento de Câncer Infantil. Autor de vários livros, tanto de Técnica de Comunicação, quanto de Planejamento de Marketing, foi o criador da Régua Heurística, que cria alternativas para o complexo planejamento de marketing e que é utilizada no mundo inteiro, por propiciar soluções para problemas mercadológicos. Estudioso da língua portuguesa, publicou oito livros dedicados às possibilidades comunicativas de nossa rica linguagem, através de frases de grandes autores.

Nascido em 1935 na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, cresceu num ambiente fervilhante. Na época, na cidade, falava-se o português, o espanhol, o árabe, o francês e no colégio de padres salesianos, o italiano. As costureiras paraguaiaias que trabalhavam na confecção de seus pais, ensinaram-lhe rudimentos de guarani. Na pequena cidade tomou conhecimento da presença do Exército Brasileiro, através da 9ª Região Militar, que admirava. Sua família mudou para São Paulo quando ele tinha 12 anos e ele foi matriculado na Deutsche Schule Vila Mariana, ou seja, o Colégio Benjamin Constant, onde ainda se cultivava o alemão. Em São Paulo, já como sócio da DPZ ou presidente da ABAP, Associação Brasileira de Agências de Propaganda, foi convidado para fazer palestras sobre comunicação a unidades do Exército, que sentiam a necessidade de se reaproximar da sociedade civil. As palestras de Duailibi faziam tanto sucesso que ele passou a ser convidado para praticamente todo evento educativo do Exército, tendo sido, finalmente, convidado pelos generais Gleuber e Synésio a assumir a presidência da FUNCEB, onde realizou um trabalho admirável, tendo percorrido quartéis, fortes e fortalezas de todo o Brasil. Organizou a parte visual da FUNCEB, dando a ela o caráter de sociedade civil, o que propiciou a atração de empresários, banqueiros, artistas, civis interessados nos valores do Exército. Possui condecorações do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, além da Polícia Militar de São Paulo. Até hoje colabora com a Revista DaCultura.

Criou uma enorme agenda de amigos nos altos escalões da Força, amizades que cultiva até hoje e das quais muito se orgulha. "Sinto-me ainda muito jovem", diz Duailibi, "pois tenho interesse permanente em aprender e descobrir as maravilhas do mundo em que vivemos e as pessoas que nele habitam".